

OPINIÃO DA RBS

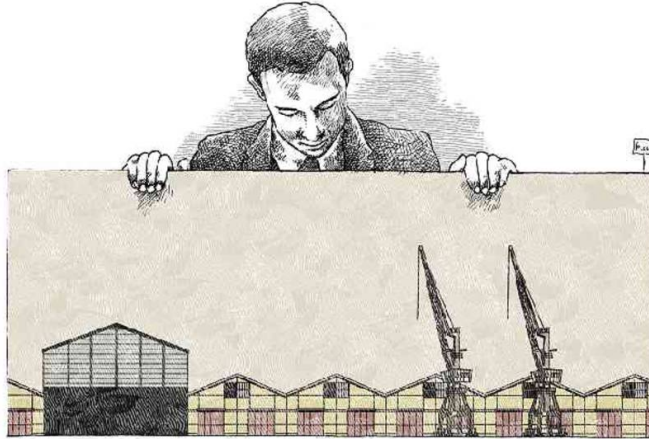
# O EXEMPLO DO CAIS

As obras de melhorias no Cais Mauá, a serem bancadas por recursos privados, podem significar um marco na Capital

**É** promissor, e dá uma ideia do significado da revitalização do Cais Mauá para Porto Alegre e o Estado, que a cerimônia de entrega da licença da prefeitura para o início das obras tenha reunido um expressivo número de líderes da comunidade e da área política. Tão importante quanto a obra em si é o fato de que o projeto será bancado com recursos da iniciativa privada, compensando a impossibilidade de o poder público levá-lo adiante. Por isso, é preciso preservar o modelo, sem o qual um empreendimento dessa relevância não tem condições de sair do papel.

Responsável pelo contrato, cabe agora ao governo estadual zelar para que a empresa encarregada de executar o projeto cumpra as próximas etapas dentro dos prazos previstos. Os porto-alegrenses esperaram por décadas para dar um destino adequado a uma área hoje degradada, apesar de seu elevado potencial de urbanização e turístico.

É preciso, portanto, todo o cuidado para evitar qualquer descon-



tinuidade no cronograma. Isso significa cuidar para que os recursos necessários sejam realmente assegurados. E, ao mesmo tempo, zelar pela redução de pressões por parte de quem, por discordar de detalhes da proposta, tenta de todas as formas impedir a realização de qualquer melhoria no local.

Felizmente, tudo foi feito até

agora dentro da lei e as sucessivas tentativas de impedir o empreendimento fracassaram. Se bem-sucedidas, como se espera, as obras de melhorias no Cais Mauá, a serem bancadas por recursos privados, podem significar um marco na Capital, por demonstrarem que é possível ousar mesmo quando o caixa do setor público se encontra vazio.

## ESTATAIS SEM FÔLEGO

**E**nquanto o setor produtivo começa a dar sinais de retomada dos investimentos, as estatais brasileiras, que em outros momentos de crise conseguiram compensar a perda de força da economia, investem cada vez menos. A redução coincide com um período de reestruturação das empresas públicas federais, com impacto sobre Petrobras e Eletrobras, as duas que, historicamente, mais investem. Por isso, é importante que esse processo seja concluído logo, permitindo uma depuração nessa área, ao final da qual só as instituições realmente rentáveis sejam mantidas.

No total, os investimentos das empresas públicas se restringiram a 37,4% do planejado até setembro. Responsável pela maior fatia,

a Petrobras desembolsou apenas 40% do previsto para o período. Esse resultado, frustrante, reforça a necessidade de as empresas públicas serem cobradas a melhorar a produtividade, para que possam dar uma contribuição mais efetiva para o país.

O setor público brasileiro não conseguirá cumprir suas metas fiscais se não revir também a forma como as empresas federais vêm operando ao longo dos anos. Diante da necessidade de equilibrar suas contas, o governo federal reduziu de 154 no ano passado para 149 no atual o total de estatais federais. Houve uma queda considerável também no número de servidores, graças sobretudo aos programas em andamento de incentivo às demissões voluntárias. Mas é preciso

fazer mais. Muitas estatais continuam operando sem contar sequer com receitas próprias para se manterem.

Em grande parte transformadas em cabides de emprego para afilhados políticos e, em consequência, mal administradas, as estatais federais cumprem cada vez menos com as atribuições que justificam sua criação, numa época em que o Estado ainda tinha um papel no desenvolvimento econômico. Hoje, muitas delas perderam sua razão de ser, significando apenas custo para os contribuintes. Os resultados divulgados agora reforçam a necessidade de o Planalto aproveitar o momento para readequá-las à realidade, contribuindo assim para reduzir o déficit público.

ARTIGO

## ELES ESTÃO CHEGANDO

ANA CLÁUDIA  
MUNARI DOMINGOS  
Programa de Pós-Graduação  
em Letras – Unisc  
ana.c.munari@gmail.com



**B**aby boomers? Geração X, Y, Z? Alpha? Milenium? Não é de hoje que tentamos entender as diferenças que separam as gerações, mas principalmente desde a Segunda Guerra, quando percebemos que este não era o mundo que queríamos. Por outro lado, herdamos da guerra uma tecnologia que tem sido o eixo a nortear as diferenças entre as gerações: a internet.

Neste mesmo país onde não há água encanada para todos, há empresas multinacionais que exportam tecnologia automotiva em realidade aumentada. Essa virtualização nos permite tanto navegar pela região da seca no nordeste brasileiro, onde há hoje 234 parques eólicos, quanto experimentar uma roupa Chanel. E neste mundo de desigualdades que tentamos entender o que separa as gerações.

Especialistas ou nem tanto demarcam a geração anos 90, a da internet comercial, como a geração atual. Outros, a partir de 2010. Essas diferenças surgem em intervalos cada vez menores, conforme a tecnologia da smart TV avança. Também podemos pensar na geração da virada do milênio, marcada pela internet 2.0, a banda larga e as redes sociais.

Enquanto isso, as salas de aula permanecem muito parecidas com aquela de 1880 do Musée de l'École em Carcassonne: classes direcionadas ao quadro e à mesa do mestre, que não está mais na-

**É neste mundo de desigualdades que tentamos entender o que separa as gerações**

quele púlpito, embora haja quem não tenha se dado conta disso. E eles têm chegado – X, Y, Z, Alpha – ano a ano, a essas salas de aula, enquanto per man e c e m o s em estado de greve,

a pesquisa devastada, DCN indefinida, licenciaturas se extinguindo. Em 2018, chegam às universidades os nascidos em 2000, a geração nem-nem – procure no Google, se é que você já não está. Poderíamos dizer nem Prouni, nem emprego. Nem Pibid. Nem educação.

Poucas universidades têm-se preparado. Espaços 360°, metodologia invertida, currículos interdisciplinares. E cursos EaD, para aqueles que preferem as telas ao face to face. Mudanças de sílcio para uma base enferrujada. Para as universidades, importa é ter estudantes, seja sentados a aula inteira olhando para o mestre, seja circulando pelos novos espaços – frente às telas, com óculos Rift ou com o próximo gadget que algumas das empresas mais lucrativas do mundo inventarem.

Eles estão chegando. E como vão sair? Não adianta perguntar ao Google Fortuneteelling.

Grupo **RBS**

**Presidente Emérito:**  
Jayme Sirotsky

**Fundador:**  
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

**Presidente**  
Eduardo Sirotsky Melzer

**CEO Mídias:** Claudio Toigo Filho  
**CEO e.Bricks:** Fábio Bruggioni  
**Diretora de Estratégia:** Luciana Antonini Ribeiro

**Conselho de Administração**

Carlos Melzer  
Cláudio Thomaz Lobo Sonder  
Eduardo Sirotsky Melzer (Presidente)  
Geraldo Corrêa  
Jayme Sirotsky  
Marcelo Sirotsky  
Nelson Pacheco Sirotsky  
Pedro Sirotsky

**Diretoria Executiva Mídias**

**Presidente-executivo:**  
Claudio Toigo Filho

**Produto e Operações:** Andriara Petteerle  
**Mercado:** Marcelo Pacheco  
**Marketing:** Marcelo Leite  
**Editorial:** Marcelo Rech  
**Finanças e Controladoria:** Ibanor Polesso

**ZH**  
Zerohora

Fundada em 4 de maio de 1964

**Diretora de Redação**  
Marta Gleich

**Diretor de TI e Operações**  
Pericles Cenço

**Gerente Executiva de Assinaturas**  
Jorja Portella

zerohora.com.br